

# O espetáculo da realidade oprimida

*Marília dos Santos Mareto*

*Leonardo Ferreira Guimarães*

“Todas as sociedades humanas são espetaculares no seu cotidiano e produzem espetáculos em momentos especiais. [São espetaculares, propriamente, em seu genuíno formato de organização social.]

Mesmo quando inconscientes, as relações humanas são estruturadas em forma teatral: o uso do espaço, a linguagem do corpo, a escolha das palavras e a modulação das vozes, o confronto de idéias e paixões, tudo que fazemos no palco fazemos sempre em nossas vidas: nós somos teatro! (...)

Uma das principais funções da nossa arte é tornar conscientes esses espetáculos da vida diária onde os atores são os próprios espectadores, o palco é a platéia e a platéia, palco. Somos todos artistas: fazendo teatro, aprendemos a ver aquilo que nos salta aos olhos, mas que somos incapazes de ver tão habituados estamos apenas a olhar. O que nos é familiar torna-se invisível: fazer teatro, ao contrário, ilumina o palco da nossa vida cotidiana. (...)

[Nós que,] apesar das guerras, genocídios, hecatombes e torturas que aconteciam, [pensávamos viver] seguros com nosso dinheiro guardado em um banco respeitável ou nas mãos de um honesto corretor da Bolsa - fomos

informados de que esse dinheiro não existia, era virtual, feia ficção de alguns economistas que não eram ficção, nem eram seguros, nem respeitáveis. Tudo não passava de mau teatro com triste enredo, onde poucos ganhavam muito e muitos perdiam tudo. Políticos dos países ricos fecharam-se em reuniões secretas e de lá saíram com soluções mágicas. Nós, vítimas de suas decisões, continuamos espectadores sentados na última fila das galerias. (...)

Vendo o mundo além das aparências, vemos opressores e oprimidos em todas as sociedades, etnias, gêneros, classes e castas, vemos o mundo injusto e cruel. Temos a obrigação de inventar outro mundo porque sabemos que outro mundo é possível. Mas cabe a nós construí-lo com nossas mãos entrando em cena, no palco e na vida. (...)

Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma!”

**Mensagem de Augusto Boal sobre o Dia Mundial do Teatro.** Disponível em: [www.ctorio.org.br](http://www.ctorio.org.br). Acesso em: 27 mar. 2009.

“Companheiro Boal, (...)

[Você mostrou] para a classe trabalhadora que o teatro pode ser uma arma revolucionária a

serviço da emancipação humana. (...) Poucos artistas souberam evitar o poder sedutor dos monopólios da mídia, mesmo quando passaram por dificuldades financeiras. Você, companheiro, não se vergou, não se vendeu, não se calou.

Aprendemos contigo que um revolucionário deve lutar contra todas, absolutamente todas as formas de opressão. Contemporâneo de Che Guevara, soube como ninguém multiplicar o legado de que é preciso se indignar contra todo tipo de injustiça. (...)

[Soube] transferir os meios de produção da linguagem teatral para que nós, camponeses, façamos nosso próprio teatro, e por meio dele discutir nossos problemas e formular estratégias coletivas para a transformação social.

O teatro mundial perde um mestre, o Brasil perde um lutador, e o MST um companheiro. Nós nos solidarizamos com a família nesse momento difícil, e com todos e todas praticantes de Teatro do Oprimido<sup>26</sup> no mundo.

Dos companheiros e companheiras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.”

## Comentário<sup>27</sup>

**Carta do MST em homenagem à vida de Augusto Boal**, falecido em 02 de abril de 2009, publicada no dia do óbito pela Agência Carta Maior.

<sup>26</sup> O Teatro do Oprimido é a técnica de teatro mais difundida ao redor do mundo e uma criação do teatrólogo brasileiro, Augusto Boal.

<sup>27</sup> O texto respeita o acordo ortográfico vigente no ano de 2009.

A arte imita a vida. Claro, “do contrário as novelas seriam baseadas em que?”<sup>28</sup> (sic). Nessa vida, não só das novelas, mas também dos filmes, propagandas e seriados, vemos respostas prontas, fórmulas de felicidade: todos os casais que se conhecem na chuva, casam-se; derrube o material de alguém e encontre sua nova paixão; case-se, tenha filhos e um cachorro<sup>29</sup> e, assim, será feliz (além de desenvolver uma predileção insaciável por margarina – objeto de consumo das pessoas felizes). Dessa forma, somos convencidos de que a realidade é imbuída de relações lógicas, óbvias, entre a realização desses símbolos e a promessa da felicidade, êxtase e *status*. Theodor Adorno fala sobre isso em suas análises acerca da indústria cultural – vista enquanto o conjunto das artes apropriadas pelos fins do lucro e de continuidade das relações capitalistas. Segundo o autor: “A Indústria Cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente”.

Para Adorno, a indústria cultural cria esquemas de compreensão da realidade, fórmulas que ditam as ações, sem a necessidade de pensamentos ulteriores, esquematismos que aparecem como promessas estéticas de uma realidade extasiante. Mas, a vida não é nenhuma novela, a chuva nem sempre vem para unir casais, e casamentos

<sup>28</sup> **A arte imita a vida** – The art imitates life. 2006. Disponível em:

<<http://sukkasweety.blogspot.com/2006/10/arte-imita-vida-art-imitates-life.html>>.

<sup>29</sup> Nenhum dos autores da resenha tem algo contra cachorros ou infantes, muito pelo contrário...

nem sempre envolvem cachorros, sorrisos e margarina. Vejamos o caso do “Homem Marlboro”<sup>30</sup> que, através de um objeto de consumo, materializa sua virilidade, potência (bens tão necessários à completude do homem contemporâneo) e saúde. Assim, os tão inseguros adolescentes iniciam-se no fumo para alcançarem tais “virtudes”. O mundo das mercadorias aparece como fonte da felicidade. Cada vez mais, o “ter” sobrepõe o “ser” e isso, insustentavelmente, contamina o mundo. Sendo assim, a fruição do gozo prometido não se cumpre, o “Homem Marlboro” morre de câncer e impotente; a mulher feliz da novela já se separou tantas vezes quantas pretendeu encontrar seu amor; e a criança contente precisa de uma “Super Nanny” para educá-la, o que nem os pais, nem a Xuxa, foram capazes de fazer.

Mas, felizmente, existem aqueles que remam contra a maré, enfrentam os esquematismos da realidade moldada, a exemplo de Boal: “Somos todos artistas: fazendo teatro, aprendemos a ver aquilo que nos salta aos olhos, mas que somos incapazes de ver tão habituados estamos apenas a olhar”. Assim, não estamos limitados à tarefa de assistir a esses modelos previamente falidos e reproduzi-los passivamente. Como sujeitos responsáveis da história – ou como seres sociais –, cabe a nós a incumbência de transformar a realidade. “Atores somos todos

<sup>30</sup> O Marlboro Man era parte de uma propaganda de cigarro que foi ao ar de 1954 até 1999. Sua imagem envolve viris cowboys dominando a natureza com seus cigarros.

nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma!”.

Boal nos ensina – e ensina como ensinar – a retirar esse véu que encobre o mundo, que desenha trilhos que não existem, limites falsos, felicidades frívolas. Ao dizer que somos todos atores e nos convidar para o palco de seu espetáculo (que, assim, se torna nosso), mostra que podemos mudar a ordem das coisas. Em outro momento, é mostrado que o espectador não pode, simplesmente, subir no palco, se tornar protagonista e esquecer-se do impacto da coletividade – representada pela platéia que permanece sentada. No Teatro do Oprimido, a platéia não permanece passiva, acrítica. Ela é estimulada a emitir sua posição, mostrando as dificuldades que podem surgir nas ações idealizadas pelos novos sujeitos sociais, negando aquele gozo – sempre tão prometido pela indústria cultural e frustrado por uma crua realidade.

Na lógica do capitalismo, a propriedade privada é lei sacramentada pelos regulamentos nacionais e pela declaração universal dos direitos humanos. Os conhecimentos, as técnicas e até os pensamentos podem ser apropriados e tornados lucrativos. Nosso teatrólogo não poderia seguir essa lógica. No Teatro do Oprimido, é fundamentada a transferência dos meios de toda a produção teatral, desde os textos até as categorias estéticas. Seu uso e seus princípios são difundidos para serem apropriados pelas massas oprimidas de todo o mundo: pelo trabalhador explorado das minas de carvão, pelo semiescravo das jazidas africanas de

diamante, pelo trabalhador chinês que monta tênis para as elites mundiais e recebe um salário de fome. O Teatro do Oprimido não pode ser apropriado para o lucro e usufruto das elites artística, intelectual, cultural ou financeira.

O Teatro do Oprimido nos deixa a mensagem de que a realidade é mais complexa do que mostra a estética dominante da mercadoria. Os pensamentos não são propriedade ou fonte de ganhos, nem servem para a distinção dos pobres incultos da elite intelectualizada. A arte é de todos e para todos. É por ser a forma de arte que tenta não imitar a vida, mas dizer que a vida é arte e que nós somos os atores, roteiristas e diretores capazes de transformá-la, que essa é a mais difundida técnica teatral em todo o mundo e não morrerá com seu fundador.